



Celular: vilão ou mocinho?

Com a ampliação do acesso à tecnologia, o debate sobre o uso de celulares dentro da sala de aula como um assistente na educação foi ampliado

CAMILLA GERMANO

Eles são um aliado na hora de fazer pesquisas, ajudam a nos manter conectado com outras pessoas e agregam conhecimento na vida de milhares, mas podem ser uma distração, especialmente para crianças e adolescentes em idade escolar. Em um mundo cada vez mais conectado, em que eles têm acesso cada vez mais cedo à tecnologias, o debate sobre o uso dos aparelhos em sala de aula pouco a pouco tornou-se mais urgente e importante, e essas conversas tendem a aumentar cada vez mais, segundo especialistas.

A pesquisa TIC Educação 2023 — divulgada em 6 de agosto de 2024 — mostra que em 64% das escolas de ensino fundamental e médio do Brasil, existem regras sobre o uso do telefone, especialmente aquelas que envolvem o uso dos aparelhos apenas em determinados espaços e horários, como em recreios e intervalos entre as aulas.

Do recorte de escolas que constam no levantamento, 28% dos estabelecimentos do país restringem por completo o uso do celular. Ao todo, foram ouvidas 3.001 escolas de ensino fundamental e médio públicas (municipais, estaduais e federais) e particulares, entre os meses de agosto de 2023 e abril de 2024, por todo o Brasil.

Como aplicar restrições?

Uma das maneiras de fazer com que a restrição seja seguida pelos alunos é dar um controle para eles sobre a medida, definindo em quais momentos podem usar o aparelho, em quais devem guardar. "Por que não fazermos um contrato com os estudantes em que eles mesmos ditam as regras? Eles tendem a cumprir muito mais aquilo que eles mesmos propõem do que aquilo que os adultos tentam impor"

Geraldo Eustáquio Moreira, professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB), pós-doutor em educação e doutor em educação matemática

Debate

Para Daniela Costa, coordenadora da pesquisa — divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de

Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) —, o debate sobre o tempo de tela também tem contribuído para aumentar a discussão entre pais, responsáveis, educadores e estudantes sobre como equilibrar o uso de tecnologias com a realização de atividades off-line.

“É possível que a implementação de regras para uso do dispositivo pelos alunos cresça, uma vez que há um debate aberto na sociedade sobre a necessidade de refletir sobre formas de garantir o bem-estar e a segurança dos alunos no uso de tecnologias digitais”, pontuou Daniela.

A especialista salienta ainda que o debate ressurgiu após um grande crescimento no uso das tecnologias durante o período da pandemia de covid-19 e que, por isso, houve a necessidade de encontrar alternativas para as diversas atividades que deixaram de ser realizadas de forma presencial, especialmente as atividades educacionais.

“A maior disseminação do uso desses recursos foi acompanhada também pelo crescimento na percepção de que as tecnologias poderiam representar riscos ao bem-estar dos indivíduos, especialmente crianças e adolescentes, por conta desse período do desenvolvimento cognitivo e psicossocial ser crucial para a sua formação”, destacou.

Para Geraldo Eustáquio Moreira, professor-pesquisador do



Clecia Barreto vê maior socialização da filha, Luisa Mel Barreto, inclusive em casa

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB), existem pontos negativos e pontos positivos sobre o uso do celular em sala de aula.

Entre os pontos positivos estão o fácil acesso à informação, o uso dos celulares para atividades pedagógicas, a inclusão de alunos com deficiências e a utilização de inteligência artificial e programação, que podem dar mais dinamismo às aulas.

Contudo, o especialista ressalta os lados negativos do uso. Um deles é a perda de tempo da aula, pedindo que os alunos guardem os aparelhos. Há também a exclusão de alunos que não têm os aparelhos, o cyberbullying — que é um debate extremamente atual ao se discutir celulares em sala de aula — e a falta da socialização.

“A escola é um local de socialização com os estudantes da

mesma idade, e o celular já tira isso em casa e no convívio com a família, porque muitas vezes o pai, a mãe e a criança estão cada um com um celular. Então, na escola, que é um lugar de ambientação, a tecnologia, nesse caso o celular, está propiciando esse distanciamento”, justifica o professor.

Projeto

O Colégio Marista João Paulo II percebeu que muitos alunos da instituição usavam os celulares com frequência na escola e que isso afetava a concentração deles em sala de aula. Foi a partir disso que surgiu o Projeto Mente Presente, em que os alunos deixam os celulares na caixinha antes do início da primeira aula do dia e o recebem de volta durante um dos intervalos entre as aulas, para depois colocá-los na caixinha até o final do dia letivo.